

**Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ**  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E TEORIA DA ARTE

**Salve família 034! : a relação de familiaridade afetiva entre os pilares do Hip hop  
em Uberlândia – MG**

**Por Pedro Santana de Oliveira**

Rio de Janeiro

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**ESCOLA DE BELAS ARTES**

**DEPARTAMENTO DE HISTORIA E TEORIA DA ARTE**

**CURSO GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ARTE**

**MODALIDADE: BACHARELADO**

**Salve família 034! : a relação de familiaridade afetiva entre os pilares do Hip hop  
em Uberlândia – MG**

Por, Pedro Santana de Oliveira

Monografia apresentada à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel em História da Arte, realizada sob a orientação do Professor Dr. Vinícios Ribeiro.

Rio de Janeiro

2019

Pedro Santana de Oliveira

**Salve família 034! : a relação de familiaridade afetiva entre os pilares do Hip hop  
em Uberlândia – MG**

Banca Examinadora

---

**Prof. Dr. Vinícios Ribeiro (Orientador)**  
**UFRJ**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cintia Guedes**  
**UFRJ**

---

**Prof<sup>a</sup>. Lorraine Pinheiro Mendes**  
**UFRJ**

## **Agradecimentos**

Quero começar agradecendo a todas as pessoas que fazem essa cultura que é o Hip-hop continuar existindo e prosperando. Antes mesmo de entrar na faculdade, o hip-hop foi o principal pilar da minha formação política e social e sem ele talvez eu não teria chegado onde estou hoje.

Por isso, quero agradecer a todos os personagens da cena do hip-hop em Uberlândia que me fizeram sentir acolhido num espaço que nunca imaginei que iria me adaptar tão bem. Com isso, quero agradecer imensamente aos artistas que, com toda a humildade do mundo, colaboraram para que essa pesquisa fosse possível. Dentre eles, agradeço a Dequete, Kueia, Muzai, Dermes e a Pirâmide Triste crew, Lino339, R Jay, Jedy, Tormenta, ao Coletivo DasMinasGerais, Machado, Gabriel Muleque dentre vários outros que me ajudaram a desenvolver o trabalho. A todos esses, os meus mais sinceros agradecimentos.

Em segundo lugar, queria agradecer a todos os que fizeram parte da minha trajetória acadêmica até o momento, e que me acompanharam nessa dura caminhada. Dentre momentos de estresse, choro e ansiedade, pude contar com esses amigos que sempre que possível me ajudaram a me reestruturar e assim seguir em frente.

Gostaria também de agradecer aos meus professores da graduação que sempre me incentivaram a continuar pesquisando e a produzir e por me mostrarem que eu posso sim falar sobre rap e mais do que isso, falar de afeto dentro da faculdade História da Arte.

E por último, mas não menos importante, a minha família de sangue que mesmo com a distância entre Minas Gerais e Rio de Janeiro sempre me apoiaram e me ajudaram sempre que possível. Dito isso, só tenho a agradecer a minha mãe, meu pai, meus avós, meu pai de consideração, minha mãe de consideração por todo o carinho desses últimos 22 anos.

Falar de família hoje para mim acaba sendo mais complexo do que parece, visto que com o final desse trabalho pude construir aos poucos novas famílias. Independente dos laços de sangue, hoje percebo que as famílias se constroem pelo afeto e que independente do que aconteça nunca estarei órfão nesse mundo...

## **Resumo**

O presente trabalho parte de uma vivência pessoal enquanto historiador da arte, artista negro e integrante do movimento hip-hop da cidade de Uberlândia – Minas Gerais. Tomando como recorte a maior cidade do Triângulo Mineiro, o trabalho de pesquisa tem como finalidade demonstrar como as noções de família, coletivo e cura aparecem nesse meio específico e como esses termos influenciam diretamente na produção de artistas locais e na minha própria trajetória.

Palavras chaves: Hip-hop, Uberlândia, família, cura;

## **Abstract**

This work is based on my personal experience as an art historian, as a black artists, and as a member of the Hip-Hop movement of Uberlândia city - Minas Gerais, Brazil. Considering the largest city in the Triângulo Mineiro as a scope, this research aims to demonstrate how the notions of "family", "collective" and "healing" emerge in this specific environment and how these terms directly influence the production of local artists and also my own trajectory.

Keywords: Hip hop, Uberlândia, family, healing

## **Sumário**

.....	3
<b>Agradecimentos</b> .....	4
<b>Resumo</b> .....	5
<b>Abstract</b> .....	6
<b>LISTA DE IMAGENS</b> .....	8
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>Capítulo 1 – O sujeito periférico uberlandense</b> .....	13
<b>1.1 - Os demais movimentos sociais da cidade</b> .....	17
<b>Capítulo 2 – Os pilares do hip-hop em Uberlândia e a cena 034</b> .....	20
<b>2.1 – O Graffiti e o Pixo</b> .....	20
<b>2.1.1 – A família de sangue e a família de tinta</b> .....	25
<b>2.1.1.1 – As demais crews e gangues da cidade</b> .....	30
<b>2.2 – A dança de rua</b> .....	34
<b>2.3 – As batalhas de rima da cidade</b> .....	36
<b>2.4 – Os DJ’S</b> .....	42
<b>Capítulo 3 – Falando de afeto e cura</b> .....	43
<b>3.1 - O hip-hop como meio de cura</b> .....	45
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	53

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Retrato de Merielle. Artista El Pepe.....	7
Figura 2: Crianças do projeto social A Rua Ensina.....	16
Figura 3: Pichação política dá década de 80. Autor: MFP - Foto: Karen Fidelis.....	18
Figura 4: Registro da Campeonato de Skate - Foto: Volney Cardosoph .....	23
Figura 5: Registro da Batalha de Rima - Foto: Volney Cardososph.....	23
Figura 6: Registro do Mutirão de Graffiti - Foto: Thaynara Alves .....	24
Figura 7: Registro do Mutirão de Graffiti - Foto: Thaynara Alves .....	24
Figura 8: Graffiti de Dequete.....	25
Figura 9: Graffiti de Kueia - Jacaré e seus dois filhos .....	26
Figura 10: Graffiti de Kueia - Jacaré .....	27
Figura 11: Graffiti em homenagem a Leles. Artista: Cleyton Tomaz da Costa.....	28
Figura 12: Bomb da Fusão Urbana Crew em homenagem a Leles.....	28
Figura 13: Bomb da Fusão Urbana Crew em homenagem a Leles.....	29
Figura 14: Graffiti de Leles .....	29
Figura 15: Graffiti de Leles .....	29
Figura 16: Graffiti de Dequete feito em homenagem a Bruno Silva.....	30
Figura 17: Tag da Cafeina Crew.....	32
Figura 18: Pixo da Odio Clã e um protesto contra o prefeito Odelmo Leão.....	32
Figura 19: Gang Rastros .....	33
Figura 20: Wild Style do DWS integrante da Atos de Rua.....	33
Figura 21: Manos da Evolution Kingz Crew .....	35
Figura 22: Logo da Batalha do Toca 034 .....	38
Figura 23: Logo da Batalha do Coreto 034.....	38
Figura 24: Cena da quinquagésima edição da Batalha do Coreto 034.....	41
Figura 25: Foto da Concentração inicial na frente da antiga prefeitura .....	41
Figura 26: Graffiti de Dequete.....	49

## INTRODUÇÃO



*Figura 1: Retrato de Marielle. Artista El Pepe*

Pensar numa maneira de começar essa monografia, que para mim vai muito além de um simples trabalho de conclusão de curso, por vezes se mostrou um desafio. Tentei começar de uma forma mais teórica, mas vi que um trabalho que possui um alto grau de subjetividade como esse não poderia começar de uma forma diferente se não com um desenho.

Não somente um desenho, mais sim um graffiti feito por mim no começo de 2019 na Escola Estadual Professora Juvenília Ferreira dos Santos localizado no Bairro Luizote de Freitas em Uberlândia – MG. Trazer o retrato de Marielle para um bairro localizado na periferia da cidade, é mais do que meramente uma homenagem a deputada federal morta no começo de 2018 juntamente com seu motorista Anderson Gomes, é trazer também mais uma figura de resistência para um ambiente que resiste diariamente através do Hip-hop e de outras manifestações culturais artísticas presentes nas periferias das cidades brasileiras.

No entanto, esse graffiti ecoa de forma ainda mais profunda no meu pensamento principalmente no que se tange a essa dualidade diária que preciso enfrentar entre ser um historiador da arte e ser um artista, ainda mais quando um dos meus principais suportes é a rua. Já produzi alguns murais tanto no Rio de Janeiro quanto em Uberlândia porém, esse especificamente foi o único desenho que eu tenho a plena confiança de falar que foi o meu primeiro graffiti propriamente dito. Apesar de não se tratar de um graffiti vandal<sup>1</sup>, considero como um graffiti tendo em vista que pela primeira vez me senti construindo algo em conjunto com outros artistas da cidade e de contextos totalmente distintos ao meu. Me senti pela primeira vez experimentando aquilo que um dia um grafiteiro da cidade me explicou, de que graffiti é mais do que colocar a cara na rua e pintar, é estar inserido numa família que é construída através de laços de afetividade e não de sangue.

Mergulhar no universo do hip-hop da minha cidade natal me mostrou que essa família vai muito além dos praticantes de graffiti e pixação, e permeia o movimento do hip-hop como um todo. Jovens de bairros e realidades distintas se encontram representados dentro desse movimento e trabalham em conjunto para construir e fazer com que a cena cresça da melhor forma. Uns fazem graffiti e pixos para se expressar através dos muros, outros representam através das rimas e dos beat's nas batalhas e eu represento a cena no momento em que redijo esse trabalho como uma forma de retribuir a todos que fazem a cena continuar existindo e acima de tudo RESISTINDO.

Aproposito, no momento que escrevo essa monografia consegui entregar a minha primeira retribuição acadêmica para a cena<sup>2</sup> de Uberlândia. Durante a edição 50 da Batalha do Coreto - 034, tive o prazer de entregar um trabalho feito para disciplina Educação Popular e Movimentos Sociais sobre o movimento do hip-hop na cidade, trabalho este que fiz juntamente com a aluna de pedagogia Amanda Escaleira. Mas importante que a nota recebida com o trabalho, foi saber o retorno por parte dos organizadores da batalha a respeito do que eu escrevi sobre eles, em especial a opinião da Mc Rafaela Soares, mais conhecida pelo vulgo de R Jay, pessoa cuja a ajuda e a inspiração fizeram com que esse trabalho fosse possível.

---

<sup>1</sup> Modalidade dentro dos praticantes do graffiti onde o artista não pede autorização prévia para pintar e considerado por alguns como o único modo genuinamente legítimo de fazer graffiti;

<sup>2</sup> Entenda-se “cena” enquanto “movimento do hip-hop”;

A cara da alegria e felicidade de R Jay no momento que entreguei o trabalho em suas mãos valeu mais do que qualquer nota que eu poderia receber produzindo meramente um trabalho de faculdade. Depois de abraços e pulos de alegria falei para R Jay que aquilo correspondia a minha “tentativa” de representar a cena estando aqui no Rio de Janeiro. Prontamente fui corrigido pela mesma com todo a razão, que falou que não era uma “tentativa” e que eu estava SIM representando a cena apesar da minha insegurança pessoal.

Porém, talvez seja a própria superação dessa insegurança um dos motores principais desse trabalho, visto que apesar de sempre gostar da cena do hip-hop na cidade, em especial o graffiti e pixação, só fui me integrar e mergulhar de cabeça a pouco tempo. Me lembro que a primeira vez que fui na Batalha do Coreto – 034 me senti como uma criança que chega numa escola nova. Não conhecia ninguém, e senti que por vezes que não deveria estar ali e que aquilo não era o “meu rolê”.

Contudo, a insegurança durou pouco tempo visto que o ambiente é construído para que todos se sintam acolhidos e, nesse ponto, o ideal de família é algo fundamental. Toda vez que a apresentadora R Jay ia chamar atenção da plateia como um todo ela utilizava da palavra “família”: OHH FAMÍLIA VAMO FAZER SILÊNCIO PARA BATALHA! ou então OHH FAMÍLIA CHEGA MAIS QUE VAI COMEÇAR! E quando era para falar com alguém especificamente não era incomum ela, assim como outros membros da organização do evento, se referirem uns aos outros como irmãos ou irmãs. Segundo a própria R Jay, chamar de família é mais do que fazer que com que os outros se sintam acolhidos naquele espaço, mas também demonstrar que tudo aquilo não é construído sozinho.

O lema da Batalha do Coreto – 034 não deixa a desejar também no que se tange a transmitir um bom acolhimento a qualquer um que queira somar ao movimento. Antes das batalhas, o lema é puxado pelos apresentadores:

“PODE SER BOY, FAVELADO, BRANCO OU PRETO!

E plateia responde em alto tom:

“É DO CORETO! É DO CORETO!

Mostrando assim, que independente da condição social, cor, gênero e sexualidade quem quiser somar ao movimento e principalmente colar na batalha para rimar estará muito bem-vindo. E esse cuidado com os demais membros da família faz com que os Mc's de batalha tenham um maior respeito na hora de formular as rimas. Todos os Mc's são aconselhados a evitar rimas de caráter homofóbico, machista, racista, transfóbico ou então rimas que envolvam terceiros de forma vexatória ou expositiva.

Esse cuidado com o outro, é uma característica marcante do Hip-hop em Uberlândia, e fora algo que pude vivenciar e compreender ativamente. Antes de começar a escrever eu não tinha certeza se esse trabalho se encaixaria num escrevivência como colocaria Conceição Evaristo, mas agora vejo que tudo o que percorrerá as próximas páginas parte sim de um cotidiano de afetos de quando eu volto para Uberlândia e posso estar perto tanto da minha família de sangue quanto da minha família que eu ainda estou em processo de construção, mas que já considero muito.

Com isso, não quero dizer que o cenário do Hip-hop é acolhedor independente do contexto, uma vez que o Hip-Hop ele nasce como uma disputa entre jovens que trocam as armas pelas latas de spray, microfones entre outros. Essa disputa de quem rima melhor, quem dança melhor ou quem pinta em mais locais, por vezes pode levar a um certo individualismo ou a formação de painéis<sup>3</sup> dentro do movimento, no entanto, aqui eu exponho uma situação para além dessas questões, e mostro como para além de ser uma disputa, o Hip-hop também funciona como um meio de cuidado e cura desses jovens e um processo de cura. Por isso, essa família ela tem sobrenome para se diferenciar das outras, que é o 034! Que para além de ser o DDD telefônico da cidade, também representa a identidade desse coletivo.

Me desculpe caro leitor caso espere desse trabalho uma pesquisa historiográfica ou psicanalítica mais aprofundada em torno do hip-hop. Meu foco aqui não é esse, meu foco aqui não é citar um monte de historiadores e filósofos da arte que ninguém entende a escrita só para fingir que eu domino esses autores.

Meu foco aqui é falar com e para os meus, e para isso é preciso saber com quais PALAVRAS eu vou utilizar para fazer essa ponte. Até porque o hip-hop é essencialmente

---

<sup>3</sup> Painel: no caso corresponde a um certo grupo de pessoas dentro de um movimento que agem em interesse próprio ou de terceiros.

PALAVRAS, é a palavra pintada do graffiti e da pixação, é a palavra cantada do MC, é o corpo que fala na roda de break, enfim, palavras transfiguradas das mais diversas formas, algo que infelizmente uma linguagem muito acadêmica não engloba.

Com isso, não estou querendo dizer que as pessoas as quais este trabalho é dedicado não são capazes de compreender um texto acadêmico, muito pelo contrário, só que ao meu entender esse não é a proposta dessa pesquisa. A proposta aqui vai muito além de referências bibliográficas ou citações, mas sim de um processo de vivência e de auto compreensão.

Por vezes pensei que talvez esse não fosse um dos trabalhos mais adequados ou então mais academicamente pertinentes para o curso de História da Arte, mas percebi que esse estranhamento em relação ao curso é fundamental. A necessidade de novas metodologias e novas abordagens dentro do curso de história da arte é algo pulsante principalmente para nós dessa primeira década de história da arte no Brasil, em especial nós historiadores pretos, pretas, LGBT's, favelados e periféricos.

No meu entendimento, essa pesquisa ela é um processo similar ao que o escritor Dénètem Touam Bona coloca em seu texto *A arte da fuga: dos escravos fugitivos aos refugiados*. Para o autor o processo de fuga como dos escravizados durante o período colonial não representou uma questão covardia, mas sim de um processo de resistência estratégica por parte dos mesmos. Vir estudar no Rio de Janeiro, e deixar para trás Uberlândia foi estratégico para que eu pudesse enfim consolidar uma pesquisa estivesse tanto ao meu agrado quanto dos que ficarem, e se possível o quanto antes esse retorno ira chegar às mãos dos que permaneceram.

Por fim, finalizo essa introdução com umas das frases que mais representa na minha opinião essa monografia:

**“Luto pelo social, ganho coisas que o dinheiro não compra” (R JAY)**

“(...) Do MG, bigode grosso

Segura sua falação meu chapa

Tô pescando meus peixe enquanto suas onça ta magra

Então não vem de palhaçada, que o flow é de chicotada

Sem besteira, zero trinta e quatro é roça, somos da terra vermelha, e não...

Desmerece não, que no cerrado tem talento (...)”

**(Verso do rapper Madruga na música Udischool)**

## Capítulo 1 – O sujeito periférico uberlandense

Uberlândia é uma cidade a parte dentro do estado de Minas Gerais, apesar de ser a segunda maior cidade do estado. Longe de ser uma cidade mineira idílica como é o caso das cidades históricas Ouro Preto e Mariana, Uberlândia no seu começo estava localizada numa região onde não havia minas a serem exploradas, o que deixou o local fora dos interesses do estado por muito tempo. Com o aumento da produção agrícola e processo de urbanização do centro oeste, Uberlândia passou a ser uma cidade de maior destaque na região e se tornou um grande polo varejista do Brasil.

Por ser uma cidade localizada bem próxima ao centro do país, Uberlândia virou uma rota das mercadorias ligada principalmente ao processo de industrialização paulista. A grande quantidade de serviços advindos desse setor varejista fez com que houvesse uma grande migração de trabalhadores para região para trabalhar tanto na indústria quanto no campo.

Porém, foi com a construção de Brasília que Uberlândia começou a ter um grande crescimento populacional. De 20 mil habitantes em 1940, Uberlândia passou a 110 mil habitantes em 1970, o que fez com que houvesse um grande aumento das periferias, favelas e cortiços na cidade.

Durante esse tempo, o capital imobiliário continuou a exercer uma forte influência sobre o processo de urbanização – Tubal Vilela, proprietário da Uberlandense de Imóveis, foi prefeito na década de 1950 e hoje empresta seu nome à principal praça do centro comercial. Nesses termos, o crescimento acelerado desdobrou-se na expansão da cidade em todas as direções, bem como produziu na periferia meios de moradia como o cortiço, a favela e a coabitação. (FERNANDES, LEME, LENK, 2015 p. 8)

Com base na citação de acima, Uberlândia possuiu um aumento significativo da sua população durante a década de 50, o que acarretou em um processo de expansão de bairros populares e principalmente as periferias caracterizadas por bairros afastados do centro e que sofriam com carências de infraestrutura básica. E esse é um termo chave para eu começar a desenvolver melhor essa primeira parte do trabalho, a noção de periferia e sujeito periférico. O professor Tiaraju Pablo D'Andrea, vai colocar em sua tese que a noção de periferia e de sujeito periférico refletem o surgimento de uma nova subjetividade ligado ao chamado *orgulho periférico*. Segundo o autor, essa nova subjetividade vai começar a se formar durante a década de 90 onde os sujeitos que habitam aquele espaço

conhecido como periferia, vão falar com orgulho da sua condição e reivindicar o potencial político do espaço periférico.

A noção de periferia e de sujeito periférico, portanto, é algo permeia o universo do hip-hop de forma muito amalgamada, tornando esse sujeito como um dos representantes principais do movimento. Podendo assumir outros nomes dependendo do contexto social na qual está inserido, como é o caso da noção de *favelado* no Rio de Janeiro, fato é que tanto a favela quanto a periferia são os principais espaços da onde esse sujeito constrói a sua primeira consciência política através desses locais onde a negligência estatal e a violência são rotinas diárias para a população.

Para além de um desenvolvimento de uma consciência política, o espaço da periferia toma uma nova potência na voz desse sujeito. Tido muitas vezes como somente um espaço de pobreza e violência, a periferia vai começar a ser exaltada por esses sujeitos como um espaço também de orgulho e de luta social, onde o sujeito periférico fala com orgulho da periferia e tenta mudar a sua realidade e dos que estão ao seu redor.

Nestes contextos, a partir da década de 90 vai haver um aumento cada vez maior de movimentos culturais protagonizados por esses sujeitos e direcionados para os mesmos, num contexto onde a violência urbana nas grandes metrópoles começou a crescer à números alarmantes. Advindos das lutas por democratização do começo da década de 80, esses movimentos artísticos vão representar uma das vias onde o sujeito periférico vai tentar contornar a vivência violenta do seu dia a dia. O professor Tiaraju Pablo D'Andrea vai colocar tomando como recorte geográfico São Paulo que:

Desesperançada, pobre, desempregada e absorvida nas matanças corriqueira de jovens entre si e destes com a polícia, a população periférica empenhou-se em construir mecanismos e inventar formas para contornar a violência e se manter viva. Lutar pela própria sobrevivência foi a questão catalisadora que fez girar uma engrenagem produtora de fatos e circunstâncias que afetaram a vida social, sob o primado de soluções práticas para um contexto de morte. (TIARAJU, 2013 p.15)

Desse modo, a cena do Hip-hop em Uberlândia vai contar com uma série representantes de diversos bairros periféricos da cidade dentre eles: Dom Almir, Luizote de Freitas, Planalto, Shopping Park, Mansour, São Jorge dentre outros. Uma vez advindos desses bairros, muitos desses representantes da cena do hip-hop uberlandense vão trabalhar com alguns projetos sociais voltados para os jovens. Dentre esses projetos, podemos destacar mutirões e oficinas graffiti, oficina de rimas para mc's iniciantes, eventos culturais em escolas da rede pública, campeonatos de skate e break dance.

O caráter pedagógico dos projetos protagonizados por esses sujeitos periféricos de Uberlândia, faz com que o hip-hop, além ser um movimento social advindo da periferia, também se caracterize como uma das principais vias de educação popular da cidade. Dessa forma, o movimento do hip-hop tende a criar laços de cooperação e trocas culturais com outros movimentos sociais presentes em Uberlândia.

Outra marca do sujeito periférico que o professor Tiaraju Pablo D'Andrea vai colocar é a sua relação direta com o orgulho racial para além do orgulho periférico. Tendo sido muitos influenciados pelos movimentos dos direitos civis nos Estados Unidos nas décadas de 60-70 em especial o movimento dos Panteras Negras e do Black Power, esses sujeitos vão falar com orgulho da condição racial e se tornar uma marca do Hip-hop tanto no contexto norte-americano como brasileiro.

Se pegarmos representantes do rap principalmente da antiga e os da nova escola, vemos que o dado da negritude vai aparecer constantemente nas letras e nos discursos desses integrantes. De Racionais Mc's até os mais recentes álbuns do Djonga a questão racial vai ser algo marcante na produção desses sujeitos periféricos mas, para além duma noção racial, também é possível notar bem pulsante uma questão de gênero dentro desse orgulho periférico. Quando o Racionais apareceu a primeira vez para o público no álbum Consciência Black Vol. 1 em 1988, a rapper Sharylaine já aparecia com um dos seus grandes sucessos da sua carreira intitulada Nossos Dias, em que a artista reivindica esse espaço enquanto mulher, negra, periférica e dona da sua própria voz, algo que abriu espaço para outras muitas outras mulheres pudessem fazer parte do movimento.

“(...) disseram então, que eu não podia cantar (...) não ligue meu bem q isto é  
prosa, se tudo se renova Sharylaine está a toda prova (...)”

**(Sharyline – Nossos Dias)**

Eu destaco essas questões porque a ideia do sujeito periférico uberlandense que está inserido dentro do Hip-hop possui um forte teor identitário no que se tange principalmente a questão racial e de gênero, e que vão ficar mais claros no decorrer dessa pesquisa. Levando em conta essas questões, e as questões colocadas no começo do capítulo, esses sujeitos periféricos vão se mobilizar por meio de projetos sociais voltados para jovens que, para além de representar uma outra opção de caminho para essa

juventude se expressar, também servirá de meio para que esses jovens entendam a sua condição seja ela social, de gênero ou racial.

Dito isso, o movimento do hip-hop em Uberlândia possui algumas aproximações como dito anteriormente com o que se entende por educação popular, onde esses sujeitos periféricos serão os principais protagonistas. Essas semelhanças podem ser destacadas pelo seu caráter popular, o seu processo de conscientização social, o fato de permitirem que os integrantes sejam agentes e narradores de sua própria história, empoderar certos grupos minoritários e de não ficar totalmente dissociado da educação formal por estar atuante em locais como as escolas de educação primária e na faculdade.

Protagonizados por esses sujeitos periféricos, temos alguns projetos de destaque na cidade como o projeto A Rua Ensina localizado no bairro Shopping Park onde o organizador é o grafiteiro e educador Kakko. Segundo o próprio educador em entrevista cedida aos estudantes do curso de Geografia da UFU para o documentário HIP-HOP UDI, o projeto A Rua Ensina conta com uma série de atividades voltadas para as crianças e jovens do bairro Shopping Park como, por exemplo, oficinas de graffiti, oficinas de rima, dança de rua e muito mais. Para além de desenvolver atividades recreativas com as crianças do bairro, Kakko vai colocar que o real intuito do projeto não é criar novos Mc's, novos grafiteiros ou novos dançarinos de rua, mas sim formar cidadãos e pessoas melhores e, através do hip-hop, estimular o estudo dessas crianças e adolescentes.



*Figura 2: Crianças do projeto social A Rua Ensina*

Estou dando um enfoque inicial na atuação desses sujeitos enquanto representantes de projetos sociais e educativos pois essas questões vão ser fundamentais

para se entender como a noção de coletivo e família vão aparecer na produção de outros artistas e educadores no decorrer dessa pesquisa. Pensar o movimento do hip-hop não como algo dissociado da comunidade, mas como um mecanismo de mudança e transformação da mesma. Nesse ponto, quero trazer como citação o trabalho de uma amiga de curso que assim como eu está em processo de desenvolvimento do TCC. Kelly Santos é mãe, graduando em história da arte, favelada e moradora do Complexo da Maré no Rio de Janeiro e vai colocar no primeiro capítulo de sua monografia a sua vivência e seus afetos em torno do espaço de favela e todas as questões que atravessam a sua vivência naquele espaço. Ao falar das experiências que teve com seus vizinhos, Kelly vai trazer uma noção particular em torno do conceito de família.

Meus vizinhos sempre foram à extensão do que entendo como ideia de família. Uma prática muito afetuosa entre minha mãe e suas amigas era o compartilhamento de comida que fosse um pouco mais elaborada em relação ao básico arroz e feijão, uma feijoada, por exemplo, além de ser o nosso almoço de domingo se tornava através dos potinhos que minha mãe enchia e dividia com suas amigas, o almoço de outras famílias vizinhas. A partir desses e de outros ensinamentos vivenciados na prática cotidiana, entendi que sozinha não é possível construir nada, e que o coletivo é necessário em qualquer construção, sobretudo, de si próprio e de nossas assimilações de mundo. (SANTOS, 2019 p.9)

Eu trago, portanto, essa citação da Kelly Santos para finalizar essa primeira parte do capítulo para mostrar que, assim como há a necessidade de um coletivo para a construção de novos caminhos no espaço da favela, no hip-hop não será diferente. O senso de comunidade é pertinente no meio dos indivíduos que compõem o movimento, algo que vai acarretar novas relações de proximidade, afetividade e cuidado entre os seus praticantes.

## **1.1 - Os demais movimentos sociais da cidade**

No caso de Uberlândia, os movimentos sociais possuem uma série de ramificações e demandas distintas que entrelaçam entre si e conseguem atingir uma vasta gama da população uberlandense que vão desde as periferias até os espaços mais elitizados como a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Dentre os movimentos sociais de destaque da cidade, encontra-se principalmente às associações de moradores de cada bairro, os movimentos identitários (movimento negro, LGBT, mulheres, indígenas não aldeados) e

os movimentos que reivindicam o direito à terra e moradia presentes em algumas regiões periféricas da cidade.

Esses movimentos, portanto, vão ter características similares ao movimento Hip-hop que vão caracterizá-los enquanto movimentos sociais e alguns casos como educação popular. Uma vez narradores de sua própria história, esses indivíduos vão buscar diferentes meios e modos para se organizar e se expressar, e são esses indivíduos que futuramente vão influenciar muito o movimento do Hip-hop na cidade. A exemplo dessa influência, uma das manifestações que antecederam a cena do graffiti e da pichação na cidade foram os pichos das décadas de 80 a 90 protagonizados por uma juventude com contato recente com a democracia e que ainda carecia de direitos a serem conquistados.

Nesse contexto, um dos protagonistas dessa luta foi Carlos Henrique de Araújo conhecido popularmente como Mineirão, um dos precursores da pichação na cidade ligado diretamente ao movimento sem-terra, e que em 2013 concedeu uma entrevista para a grafiteira (até então residente de Uberlândia), Karen Fidelis conhecida como Kueia. Em entrevista a artista, Mineirão conta que na sua época ele, assim como outros jovens, começaram a se organizar por diferentes vias como Movimento Estudantil, a Pastoral da Juventude e o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, e através dessas organizações puderam expressar as suas reivindicações através das pichações que na época eram bastante comuns na cidade.



Figura 3: Pichação política dá década de 80. Autor: MFP - Foto: Karen Fidelis

Assim como atualmente, Mineirão também se organizava em grupos para reivindicar as suas questões e esses grupos, por sua vez, possuíam um contato direto com as associações de moradores dos bairros para assim poder consolidar a luta no campo e na cidade. Apesar de ser algo mas correlacionado as pichações políticas como as de Maio

de 1968<sup>4</sup> na França, e não como os pixos e bomb's do universo do hip-hop contemporâneo fato é que esses coletivos de jovens no começo dos 80-90, além dessa presença nas políticas de cada bairro são elementos bastante assimilados pelo movimento do hip-hop posteriormente.

Essa ligação direta com as Associações de Moradores e o movimento Hip-hop vai ser algo marcante em Uberlândia principalmente na produção de eventos culturais destinados a população do bairro em questão. Além disso, o papel de certas ONG's também vai ser de fundamental importância para o aumento de eventos culturais destinados a essa cultura na cidade. Podemos destacar a atuação da ONG Pérola Negra que atua no bairro Luizote de Freitas. A ONG fundada em 2003, desenvolve atividades esportivas, artísticas e sociais com os jovens da região além de dar espaços para o hip-hop, como no evento realizado no final do ano passado intitulado *Balde de Trap* feito por amantes do subgênero de rap que muitas vezes é colocado de lado pelo público médio de que o considera um gênero a parte, dissociado de toda a cultura hip-hop.

Além do evento *Balde de Trap*, a ONG Peróla Negra juntamente com a Associação de Moradores do bairro promoveu no mês de agosto de 2019 o aniversário de 39 anos do bairro, evento esse que contou com uma série de shows de artistas locais onde o rap se fez presente também. Saindo um pouco das organizações não governamentais, Uberlândia também possui dois centros de acolhimento do programa ligado ao governo do estado chamado Fica Vivo! O programa tem por finalidade a preservação da vida de jovens e adolescentes de áreas de alta criminalidade e baixa renda. No caso de Uberlândia, o programa está localizado nos bairros Canaã e Morumbi e conta com a presença inclusive de estagiários da Universidade Federal de Uberlândia.

Com base em todos esses programas citados, nos próximos capítulos eu irei adentrar nos chamados “pilares do hip-hop” em Uberlândia para mostrar como ocorre a atuação desses sujeitos periféricos, como o hip-hop influencia diretamente nos trabalhos deles e como a noção de família e coletivo varia de determinado contexto para outro.

---

<sup>4</sup> Movimento político e cultural ocorrido na França em 1968, onde uma nova juventude onde as pichações se tornaram uns principais meios de protesto.

## Capítulo 2 – Os pilares do hip-hop em Uberlândia e a cena 034

Nesse segundo capítulo, vou discorrer previamente sobre os quartos pilares do hip-hop em Uberlândia. Esses quatro pilares são definidos pelo graffiti e a pixação, que juntos configuram a arte urbana, o b-boy ou a b-girl na dança de rua, os mc's de batalha e os DJ's. Através da definição e levantamento imagético de cada grupo eu vou demonstrar como a noção de coletivo, assim como a noção de família aparecem em cada um desses pilares e como eles influenciam a produção de cada pilar.

O que caracteriza essa cena em especial e que está presente no título é a sua numeração específica, a 034, número este referente ao DDD telefônico da cidade. Essa numeração surgiu para se diferenciar das cenas das outras cidades, como por exemplo Batalha do Coreto 034 que adotou a numeração como forma de se diferenciar das outras batalhas homônimas do país. Contudo, a numeração 034 virou mais que um mecanismo de diferenciação, mas também uma marca da identidade da cena do hip-hop uberlandense e um modo de fazer hip-hop diferente dos outros locais.

Com base nisso, mostrarei como a essa identidade e esse modo de fazer hip-hop aparece na cidade e como ele se desenvolve em cada pilar, começando pela arte urbana e finalizando na figura do DJ.

### 2.1 – O Graffiti e o Pixo

As questões que permeiam o graffiti e a pixação em Uberlândia foram os pontos iniciais desse trabalho de pesquisa. Isso se deve por duas razões específicas, a primeira parte de uma produção artística pessoal uma vez que, apesar de não me considerar um grafiteiro propriamente dito, utilizo da rua como suporte para a produção dos meus trabalhos. E a segunda, se deve ao fato de que a primeira vez que ouvi a palavra *família* no contexto do Hip-hop foi através do grafiteiro Dequete.

Algo que não poderia ser mais significativo visto que, o ato subversivo de grafitar ou pixar um determinado local já pressupõe um ato coletivo. No caso do graffiti você tem as chamadas crew's e na pixação as gangues que correspondem uma união de dois ou mais artistas. No caso da pixação, existem também as chamadas grifes que correspondem a uma reunião de diferentes gangues. Até o presente momento só foi possível identificar

a presença de uma grife na cidade, no caso a Mais Imundos que teve sua origem na cidade de São Paulo.

Nesse ponto, é preciso ressaltar o caráter transgressor tanto da pixação quanto do graffiti. Apesar de possuir reconhecimento dentro da academia, o graffiti ainda carrega uma essência transgressora apesar das muitas tentativas de adestramento, diferentemente da pixação que aos poucos tem ganhado um reconhecimento acadêmico sem ter o seu caráter transgressor posto de lado.

Tanto o graffiti quanto a pichação são considerados atividades ilegais no Brasil, de acordo com a Lei Ambiental número 9605, sancionada pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso no início de 1998 e que não faz distinção entre as duas práticas, ambas tidas como crimes contra o meio ambiente. O graffiti, mesmo apresentando uma conotação artística indubitável através de claras preocupações formais e estéticas, e fazendo uso de técnicas de pintura elaboradas, não deixa de ser uma atividade ilícita. Da mesma maneira, também a pichação, na qual o caráter de transgressão é mais latente e de fácil reconhecimento, apresenta preocupações de ordem estética, cuja prova é o esforço dos pichadores em elaborar alfabetos estilizados próprios e em aperfeiçoar cada vez mais o traço do spray. (PENNACHIN, 2003 p.4)<sup>5</sup>

Dito isso, por se tratar de um risco que esses artistas correm ao realizarem seus trampos<sup>6</sup>, os grupos graffiti e pixo também dispõem de uma mentalidade de sempre que possível ajudar seu companheiro de rolê. Por serem atos transgressores em essência, tanto o graffiti quanto o pixo, é necessário que haja uma confiança por parte dos integrantes do grupo uns com os outros, caso algo possa atrapalhar a feitura dos trabalhos como a presença de policiais militares ou moradores locais.

“Família tem tudo a ver com pixação, até porque ninguém pixa sozinho, sempre precisa de um pra segurar o BO...” (Pixador que não quis se identificar, 2019)

No entanto, apesar do caráter transgressor o Graffiti e a Pixação não excluem a troca de saberes e de ideias com artistas que optem pela legalidade. Muitas vezes, devido a problemas com a justiça, questões de cunho pessoal ou simplesmente por questões estéticas muitos artistas prezam por se manter dentro da lei. Essa questão eu vejo muito de uma própria vivência pessoal, visto que sempre utilizei a rua como suporte artístico

---

<sup>5</sup> PENNACHIN. Deborah Lopes. SIGNOS SUBVERSIVOS: DAS SIGNIFICAÇÕES DE GRAFFITI E PICHACÃO: Metrôpoles contemporâneas como miríades sígnicas. UFMG 2003

<sup>6</sup> Trampo como o termo popular utilizado para se referir a produção dos artistas urbanos

para produzir meus personagens e passar as minhas mensagens, porém sempre pedindo autorização aos responsáveis antes de pintar.

Essa escolha se deve ao fato de que sempre almejei trabalhar com a formação de base enquanto um arte educador, e assim poder contribuir para dar um retorno a minha comunidade da melhor forma possível. Uma pessoa que visa se tornar uma referência assim como é o meu caso, não pode arriscar sendo fichado pela polícia porque fez um bomb<sup>7</sup> numa porta de aço de um estabelecimento ou porque pixou o décimo andar do prédio de madrugada. Há sim aqueles que conseguem conciliar as duas coisas, e para esses eu tenho a minha total admiração, mas no meu caso sempre achei melhor não arriscar.

Mas, assim como dito anteriormente, o fato da minha produção pessoal assim como a de outros artistas ser uma produção não transgressora do ponto de vista legal, não implica nossa impossibilidade de somar ao movimento. A exemplo disso, tivemos no começo de 2019 no bairro Luizote de Freitas o evento 1º Ruas Ocupadas que tinha por objetivo: “realizar ocupações em espaços públicos com o desenvolvimento de atividades esportivas e artísticas que visam unir as mais variadas expressões da rua”. Evento este organizado pela Skate VandalCrew, a Batalha do Coreto 034 e a *Associação do Bairro Luizote de Freitas – Reconstruir* mostrando mais uma vez essa ligação entre a o movimento do hip-hop e as organizações populares.

Como a própria descrição do evento sugere, houve um diálogo e um encontro entre as mais distintas formas artísticas da rua para além do graffiti. Dito isso, o evento contou com campeonato de skate, batalhas de rima e de pockets shows além de terem recolhidos materiais escolares para o começo do período letivo na Escola Estadual Professora Juvenilia Ferreira dos Santos, escola essa que também colaborou com a organização do evento, tendo inclusive cedido o muro da escola de suporte para os artistas.

O evento 1º Ruas Ocupadas me mostrou que, apesar da minha produção ser distinta quando comparada aos artistas que de fato vivem o dia a dia da arte urbana, existe sempre a possibilidade de somar ao movimento e assim contribuir para a comunidade. Além de que mostrar que um movimento não cresce sem a ajuda e a colaboração do outro, e que os grupos de graffiti e pixação encontram ressonância em outros pilares do

---

<sup>7</sup> Bomb ou bombardeiro é uma modalidade dentro do graffiti caracterizado pelo uso de letras volumosas muitas vezes bastante coloridas comumente feitas de forma clandestina

movimento, a de em vista que possuem alguns artistas que são muitas vezes mc's, como também grafiteiros, dançarinos, pixadores e etc.



*Figura 4: Registro da Campeonato de Skate - Foto: Volney Cardosoph*



*Figura 5: Registro da Batalha de Rima - Foto: Volney Cardosoph*



Figura 7: Registro do Mutirão de Graffiti - Foto: Thaynara Alves



Figura 6: Registro do Mutirão de Graffiti - Foto: Thaynara Alves

### 2.1.1 – A família de sangue e a família de tinta

Apesar desse trabalho ser focado na construção de laços afetivos e familiares entre integrantes do movimento Hip-hop que não possuem um parentesco de sangue, é importante mostrar como a família biológica aparece na produção de determinados artistas e os seus paralelos quando falamos de uma relação afetiva. No graffiti e no pixo é possível encontrar uma série de homenagens a familiares por parte dos artistas que, de certa forma, refletem um pouco essa relação entre a produção artística e questões subjetivas.



Figura 8: Graffiti de Dequete

No graffiti acima, por exemplo, temos um trabalho do grafiteiro Dequete na qual o artista aborda a ideia da paternidade atrelada ao seu fazer artístico, algo que reflete o seu cotidiano enquanto pai, grafiteiro e educador. Além disso, em outros trabalhos Dequete também traz ideias ligadas a maternidade e o cuidado com os mais novos além de outras questões político/social abordados pelo artista representando majoritariamente personagens negros nas cores que se tornaram a sua marca registrada: azul, laranja e verde. Atualmente, o artista ainda se considera membro da sua antiga crew conhecida como Oficina das Cores, mesmo tendo os outros integrantes do grupo parado com o

graffiti. Mas mesmo assim, o artista ainda se considera parte da crew e considera os seus integrantes como seus irmãos<sup>8</sup>

No caso da grafiteira Kueia, assim como acontece no trabalho de Dequete, é possível encontrar alguns trabalhos em que a família aparece como tema central. Tendo desenvolvido um estilo próprio de graffiti, o trabalho da Kueia é marcado por animais com características antropomórficas, principalmente os coelhos, animal este que faz referência ao nome da artista. A noção de família, portanto, aparece no trabalho de Kueia através da figura do jacaré uma homenagem ao seu pai que possível ser encontrado em alguns trabalhos pela cidade.



Figura 9: Graffiti de Kueia - Jacaré e seus dois filhos

---

<sup>8</sup> Entrevista cedida pelo artista para a página Avant Graff em 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/avantgraff/> Acesso: 10 de nov. 2019



Figura 10: Graffiti de Kueia - Jacaré

No entanto, quando abordamos a noção de uma família para além da noção biológica as referências no graffiti aparecem de outras maneiras. Ao invés de familiares próximos, integrantes do movimento hip-hop que representaram a cena em vida são muitas vezes homenageados em meio a graffiti, pixos ou sendo citados em batalhas, como uma forma de manter a memória dessa pessoa viva.

Nesse ponto, peço licença para falar a respeito de um dos grandes representantes do movimento do hip-hop na cidade e que infelizmente não está mais entre nós, me refiro a Leles. Da minha parte não pretendo me estender muito ao falar de Leles, até porque era uma pessoa que não tive contato antes de seu falecimento então não me sinto confortável em falar sobre sua pessoa em respeito à sua memória e de todos os seus amigos.

Porém, os relatos que eu tive a seu respeito mostram que ele era um integrante extremamente engajado no movimento e que sempre estava disposto a fazer com que a cena na cidade se expandisse. Por ser uma pessoa muito respeitada e querida pela maioria, a morte de Leles gerou um grande luto em toda a cidade, um luto similar à de um familiar próximo que abalou a cena como um todo.

Não para menos, muitas homenagens em memória a figura de Leles começaram a surgir pela cidade vindos dos mais diversos artistas. Tendo sido um dos grafiteiros mais atuantes da cidade juntamente com a sua crew, a Fusão Urbana Crew (FUC), o Primeiro Encontro de Escritores Urbanos de Uberlândia foi em sua memória, e sua imagem ficou eternizada nos muros da cidade.



Figura 11: Graffiti em homenagem a Leles. Artista: Cleyton Tomaz da Costa



Figura 12: Bomb da Fusão Urbana Crew em homenagem a Leles



Figura 13: Bomb da Fusão Urbana Crew em homenagem a Leles

É curioso destacar que, ao mesmo tempo que houveram inúmeras homenagens a Leles feitas por artistas da cidade e da região, os trabalhos de Leles feitos em graffiti continuam resistindo as intempéries do tempo devido a um esforço coletivo. Apesar do graffiti e da pixação serem artes efêmeras por natureza, há uma certa “conservação afetiva” dos seus trabalhos para que eles permaneçam visíveis pelas paredes da cidade.



Figura 15: Graffiti de Leles



Figura 14: Graffiti de Leles

Além do caso de Leles, outro mano que foi imortalizado nas paredes de Uberlândia devido as suas contribuições para a cena da cidade foi o mano Bruno Silva

falecido no ano de 2016. Assim como Leles, Bruno não foi uma pessoa que eu tive contato ainda em vida, mas é possível observar o carinho e respeito com que o pessoal da cena teve ao dedicar o Prêmio de Hip-Hop Bruno Silva em sua homenagem.



Figura 16: Graffiti de Dequete feito em homenagem a Bruno Silva

### 2.1.1.1 – As demais crews e gangues da cidade

Reservo essa parte do trabalho para mostrar a produção das demais crews de graffiti e gangues de pixação presentes na cidade. Apesar de não ser uma grande capital, Uberlândia hoje tem uma série de crews e gangues na cidade que usufruem o meio urbano como suporte da sua produção. A noção de família, portanto, não é algo unânime entre esses artistas possuindo assim diferentes pontos de vista de um grupo para outro.

O grafiteiro Dermes, por exemplo, é integrante da Pirâmide Triste Crew e vai falar que o que une os integrantes do seu grupo é um sentimento em prol da arte, não necessariamente há uma relação familiar entre eles. Mas, isso não

vai excluir o fato de que todas as crews e gangs vão se basear numa relação mútua entre os integrantes do grupo em prol de um objetivo em comum. Por mais que não haja uma noção familiar dentro destes grupos, haverá uma relação de cuidado e consideração por cada um dos integrantes o que pode acarretar uma relação familiar ou não.

É importante destacar também que em Uberlândia não há uma distinção evidente das duas produções, no caso o graffiti e a pixação. Na cidade, muitas artistas então vão transitar por uma produção e outra não se restringindo à uma produção específica. Isso faz com que em Uberlândia não haja conflitos evidentes entre os integrantes das duas produções como é possível ser observado em outros centros urbanos. Segundo a artista plástica, grafiteira e pixadora Karen Kueia:

“As relações entre pixadores e grafiteiros vão desde a comunicação interna entre os participantes do mesmo circuito e cultura até às expressões de homenagem, apologias, repúdio e protestos.” (FIDELIS, 2013 p. 12)

Portanto esse respeito é algo evidente na cena uberlandense de forma que por mais que a noção de família seja algo muito variável o senso de coletivo é algo mais pulsante na produção desses artistas.



Figura 17: Tag da Cafeina Crew



Figura 18: Pixa da Odio Clã e um protesto contra o prefeito Odelmo Leão



Figura 19: Gang Rastros



Figura 20: Wild Style do DWS integrante da Atos de Rua

## 2.2 – A dança de rua

Num primeiro momento, não era minha pretensão abordar o break dancing e a dança de rua nessa pesquisa. Isso se deve ao fato de que não tive muito contato com praticantes da modalidade durante o andamento do trabalho, então não saberia se era possível eu me estender muito ao falar desse outro pilar que rege a cultura Hip-hop. Porém com o desenrolar da pesquisa e principalmente com os depoimentos de algumas pessoas vi que era possível reservar um espaço nessa pesquisa para abordar a dança de rua.

Isso se deu principalmente através de uma conversa com Kakko, o organizador do projeto A Rua Ensina que citei no início desse trabalho. Além de ter colaborado explicando um pouco da sua vivência enquanto dançarino dentro de uma crew de dança, Kakko também me fez repensar um pouco acerca da noção de família, principalmente no que se tange as disputas dentre do Hip-hop. Esse era um ponto que até então eu não tinha dado a devida atenção, somente após as conversas com Kakko é que pude compreender que a noção de família não é algo que se aplica ao hip-hop de uma maneira geral, e que o narcisismo e as disputas de ego são algo comum no movimento tal como nos outros.

Tendo como base essa noção da disputa, os professores Flávio Soares Alves e Romualdo Dias vão colocar que

O jovem e o social se entrelaçam numa dança louca e alucinante propulsionada por constantes desafios. Um sempre quer deixar o outro sem chão, desestabilizado. Esta relação se apresenta com maior visibilidade no Racha. Neste momento, a provocação é como numa guerra onde ambos põem seu oponente à prova. (ALVES e DIAS, 2004 p. 6)

Essa questão de desestabilizar o oponente e colocá-lo a prova é algo que possível ser observado na cultura Hip-hop de uma maneira geral. Porém, o objetivo desse trabalho é mostrar através casos de vivências de outros integrantes do movimento e das minhas próprias vivências pessoais que essa ideia de disputa não significa necessariamente uma relação de inimizade entre os indivíduos. O próprio Kakko vai comentar em seu depoimento que a primeira vez que ele se sentiu dentro de uma família para além da família consanguínea foi dentro da sua primeira crew de dançarinos. Segundo Kakko, a ideia de crew está diretamente ligada à relação de família no hip-hop.

Vindo de uma família muito humilde de Uberlândia, Kakko possuiu uma certa dificuldade no começo da sua trajetória dentro da dança de rua. Filho de uma família

bastante conservadora religiosamente, Kakko por vezes era impedido de acessar certas referências da cultura da Black Music de seu tempo que vieram por influenciar o hip-hop posteriormente, nomes como Marvin Gaye, Michael Jackson dentre outros. Mas, com o passar dos anos sua família se viu mais tolerante para que ele pudesse fazer o que gostava e assim poder finalmente praticar a dança de rua.

Uma vez começando a praticar e a fazer apresentações em escolas, Kakko começou a ser mais respeitado dentro do seu meio escolar, visto que antes de se apresentar o artista relata que sofria muito com provocações na escola devido a sua condição humilde e a questão racial. “Tínhamos que engolir muitos sapos...” relata o artista sobre aquela época. No entanto, assim que esteve a primeira vez num grupo de dança de rua o artista conta que pode pela primeira vez vivenciar o que ele entende por família e crew dentro do hip-hop.

Segundo o artista, ao estar em contato direto com esses manos da sua antiga crew ele pode perceber uma certa consideração entre os integrantes do grupo. No relato do artista, as pessoas estão do seu lado, te apoiam, mas que isso não excluí uma batalha de egos dentro da dança de rua. Posteriormente, agora como grafiteiro, Kakko voltou a fazer parte de uma crew dessa vez de graffiti, a Atos de Rua que eu mostrei um exemplo no capítulo anterior.



Figura 21: Manos da Evolution Kingz Crew

Atualmente, a cidade conta com outros grupos de dança de rua organizados nas chamadas crew's assim como ocorre na arte urbana e no skate. Os principais grupos que

eu destaco nesse capítulo são o Evolution Kingz Crew e a Cia de Dança Manos do Hip-hop dois dos principais grupos de dança da cidade. No caso do Manos do Hip-hop, a companhia de dança existe já desde 2005 tendo começado somente com sete dançarinos, sendo que hoje o grupo já reúne mais de 20 dançarinos e 5 percussionistas.

Além disso, a dança de rua aparece ainda hoje como uma das principais práticas artísticas ligadas ao hip-hop com bastante destaque na cidade, sendo estimulada em vários centros culturais, escolas e universidades. Apesar de não ser um relato muito extenso, esses foram os principais pontos que pude levantar dos praticantes de dança de rua da cidade.

### 2.3 – As batalhas de rima da cidade

Assim como o graffiti e a dança de rua em sua gênese, as batalhas de rima também configuram como um meio alternativo dos jovens da periferia disputarem entre si através da arte sem haver derramamento de sangue de ambas as partes. Surgido na década de 70 através das festas organizadas por Afrika Bambaataa, Kool Herc<sup>9</sup> e Cindy Campbell<sup>10</sup>, e impulsionada pelas diss's dos anos seguintes hoje a batalha de rima, ou batalha de Mc's, são locais chave no meio do hip-hop onde muitos mc's consagrados no cenário nacional começaram a dar os seus primeiros passos no meio musical.

De certa forma as batalhas de rima e conseqüentemente o gênero musical rap, refletem um pouco do que a música representa dentro das manifestações da cultura negra diáspórica, ou seja, de como a cultura negra se desenvolveu em determinados contextos em países de tráfico negreiro. Baseado no livro de Paul Gilroy chamado Atlântico Negro. Modernidade e dupla Consciência, a autora Eufrazia Cristina Santos vai colocar que, segundo Gilroy:

“(...) a cultura vernacular negra, sublinhando a importância dos elementos antidiscursivos e extralingüísticos dos atos comunicativos definidos pela instituição da escravidão. As expressões artísticas que emergiram da cultura

---

<sup>9</sup> Hip hop origins: das ruas de Nova Iorque para o mundo. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. 2015 Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428429836\\_ARQUIVO\\_Textocompletoanpuh07.04.2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428429836_ARQUIVO_Textocompletoanpuh07.04.2015.pdf) Acesso em: 15 de nov. 2019

<sup>10</sup> Cindy Campbell. **Jamaica: the “Muse of Hip Hop”** Disponível em: <http://vwce51jxcxi5acko2u00fothu.wpengine.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2018/09/Cindy-Campbell-page.pdf> Acesso em: 15 de nov. 2019

dos escravos encontraram na música e na dança um substituto para as liberdades políticas formais que lhes eram negadas, “a arte se tornou a espinha dorsal das culturas políticas dos escravos e da sua história cultural” (: 129), e até hoje representa uma importante aliada nos processos de luta rumo à emancipação, à cidadania e à autonomia negra. O poder da música negra para o desenvolvimento das lutas políticas das comunidades negras da diáspora exige atenção aos seus atributos formais e à sua base moral distintiva: “Ela é ao mesmo tempo, produção e expressão dessa transvalorização de todos os valores precipitada pela história do terror racial no Novo Mundo” (: 94). O acesso restrito dos escravos à alfabetização fez crescer o poder da música em proporção inversa ao poder expressivo da língua, seu refinamento tem proporcionado um mecanismo de comunicação que não se limita ao poder das palavras faladas ou escritas. A música tem exercido um papel fundamental na reprodução da cultura do Atlântico Negro e na conexão entre as diferentes comunidades da diáspora.” (CRISTINA, 2002 p. 277)

As batalhas de rima, portanto, podem ser caracterizadas de duas maneiras: Batalha de Sangue, onde o objetivo principal é atacar o mc adversário através das chamadas *punchline's*<sup>11</sup>, ou então a chamada Batalha de Conhecimento onde é escolhido um tema prévio para que os mc's possam rimar sobre. Apesar de haver essa distinção, nada exclui a possibilidade que uma Batalha de sangue tenha o seu viés de conhecimento, e vice-versa, uma vez que, por se tratar de um improviso propriamente dito é difícil ter uma noção de para onde a batalha caminhará.

Atualmente, Uberlândia possui uma série de batalhas espalhadas pela cidade dentre elas a Batalha do Toca - 034, Batalha da Paris, Batalha da Z.L, Batalha da Z.O e a Batalha do Coreto - 034, está última que por sua é única batalha da cidade que ocorre na região central no espaço onde antes era a antiga prefeitura. A maioria das batalhas, portanto, vão carregar atrelado ao seu nome o local ou a zona da cidade em que elas são disputadas (Z.O de zona oeste, Z.L zona Leste, Praça Paris e Toca porque ocorre no bairro Tocantins) porém, o fato da Batalha do Coreto 034 ser a única batalha localizada na região central é reflexo cada vez maior da cena do hip-hop estar se deslocando das regiões periféricas da cidade até as regiões mais centrais, tidas como mais elitizadas e ocupadas por outros grupos.

---

<sup>11</sup> Punchline ou linha de soco se caracteriza por um verso que tem por finalidade atacar diretamente o outro mc.



Figura 23: Logo da Batalha do Coreto 034



Figura 22: Logo da Batalha do Toca 034

A possibilidade de se deslocar do contexto periférico e conseguir adentrar em espaços que outrora o hip-hop não atingia é uma característica marcante do grupo de rap Racionais Mc's, uma vez que, segundo o professor Acauam Oliveira:

“(...) o reconhecimento obtido pelo grupo após o sucesso nacional de *Diário de um detento* foi o grande responsável por fazer com que os debates promovidos pelos movimentos identitários extrapolassem as fronteiras mais estreitas da academia e dos movimentos sociais, ganhando assim o campo mais amplo da cultura” (OLIVEIRA, 2018 p 23)

Dito isso, assim como Acauam expressa no seu texto este poder de permeabilidade que o grupo teve em dialogar com outros contextos para além da periferia, sem deixar de lado a mesma, tenha inspirado a possibilidade de o hip-hop ocupar outros locais. Atualmente, além da antiga prefeitura também é possível encontrar eventos de hip-hop, além de point's de membros do movimento em locais centrais como a Praça da Bicota, Praça Sergio Pacheco (local da antiga Batalha do Redondo), Bar Ovelha Negra, dentre outros.

Voltando a abordar a questão das batalhas, a disputa de rimas entre mc's é permeado de algumas regras que os participantes devem se ater. No caso para essa pesquisa, vou tomar como recorte exclusivamente as questões que pude observar na Batalha do Coreto - 034, visto que foi a única em que tive contato direto com os organizadores e os mc's participantes.

Antes mesmo da batalha começar, há sempre uma aglomeração no espaço da Praça do Coreto de jovens dispostos a batalhar ou somente ver a batalha. É curioso o fato de que é comum assim que alguém chega no espaço da batalha cumprimentar todos que estejam no local mesmo não conhecendo a outra pessoa em questão. Nas minhas primeiras vezes frequentando a batalha, fiquei receoso de cumprimentar ou mesmo falar com alguém. Não me sentia bem naquele espaço a tal ponto de já sair cumprimentando todos sem conhecer, mas após ser cumprimentados algumas vezes por pessoas que nem fazia ideia de quem fossem percebi que o ambiente era mais amistoso do que imaginava.

Uma vez começada a batalha, todos os jovens que estavam concentrados na praça se deslocam para a escadaria da antiga prefeitura onde acontecerá o duelo entre os mc's selecionados previamente pelo chaveamento. É importante destacar que os mc's que iriam batalhar devem seguir algumas regras durante a batalha para deixar o ambiente mais agregador para as pessoas que estão indo prestigiar o evento.

A principal regra que eu destaco é quanto ao conteúdo da rima de cada um dos mc's, que são aconselhados a não se basearem em rimas de caráter preconceituoso ou vexatório contra os outros participantes da batalha. Dito isso, rimas de caráter racista, machista, transfóbico e homofóbica não são permitidos durante a batalha, além de rimas que envolvam terceiros de forma provocativa ao expor a intimidade de cada um. Nesse ponto, é difícil ver mc's da Batalha do Coreto sendo adeptos da chamada *pederastia* que configura uma forma de rimar marcada muitas vezes pelo uso de palavrões e ataques de conteúdo discriminatório.

Essa característica dos manos da Batalha do Coreto 034 reflete mais do que simplesmente estar de acordo com as regras da batalha, mas também reflete um cuidado e consideração com o outro mc que está batalhando e com a plateia. A exemplo disso, temos o fato de que cada vez mais estamos observando um aumento de mulheres inseridas na cena, tanto em Uberlândia quanto no Brasil inteiro, e a manutenção de certos comportamentos machistas e discriminatórias dentro do hip-hop só colaboraria para enfraquecer mais e mais essa inserção de outras minorias sociais dentro da cena.

Portanto, a máxima de que "*Rima ganha de Rima*" não parece fazer parte da ideologia dos mc's representantes da Batalha do Coreto, ou seja, rimar só por rimar mesmo que isso custe o desconforto do outro ou da plateia não parece uma opção para quem ocupa aquele espaço. É curioso o fato de que esse respeito parece algo tão

internalizado no comportamento de cada mc que eles evitam rimar em tom de pederastia mesmo quando o ambiente é propício para esse tipo de rima. Eu pude observar isso durante uma edição de aquecimento para a quinquagésima edição da Batalha do Coreto 034, onde foi proposto para o mc chamado King rimar só pederastia para que a outra mc pudesse treinar o seu ataque resposta. King prontamente falou do seu desconforto em rimar nesse tipo de tom, ele que é adepto mais da ideologia<sup>12</sup>, falou que não conseguiria rimar mesmo se esforçando.

No que se tange a participação da plateia a consideração não diferente. Muitas vezes aparecem mc's novos para batalhar no coreto, mas que ainda não possuem uma desenvoltura muito grande em rimar e acabam cometendo erros como qualquer iniciante. A plateia entende essas questões, e entende a dificuldade de cada um para chegar até aquele espaço, portanto não se ri de iniciante ou rechaça ele quando por ventura ele faça uma rima ruim. E quando o iniciante acerta na rima, a plateia comemora para que assim ele se encoraje em continuar rimando.

Desse modo, há um respeito entre plateia e participante que gira em torno de uma noção familiar, no sentido de que aquele espaço e aquela batalha só conseguem ser construídos em coletivo com respeito mútuo de ambas as partes. Não é por menos que, até o presente momento em que este trabalho está sendo redigido, a Batalha do Coreto 034 está paralisada por tempo indeterminado devido a certas pessoas que frequentam o espaço da batalha transformaram o evento em simplesmente mais um "rolê" de final de semana e assim atrapalhando as demais pessoas que querem prestigiar a batalha e ver os mc's.

A batalha, portanto, se configura como um espaço mais do que de disputa, mas também de respeito para com quem está rimando e com os adversários. Esse respeito se reflete na parte dos apresentadores que sempre tratam o público com humildade e mostrando que nada daquilo seria construído pelo esforço individual, mas sim coletivo.

---

<sup>12</sup> A Ideologia, diferentemente da pederastia, é uma modalidade de rima onde os mc's tentam passar uma qualidade na rima sem se pautar em clichês ou xingamentos direcionados ao outro.



*Figura 24: Cena da quinquagésima edição da Batalha do Coreto 034*



*Figura 25: Foto da Concentração inicial na frente da antiga prefeitura*

## 2.4 – Os DJ’S

Esse é o capítulo mais curto dessa pesquisa devido ao fato de durante todo o meu processo de conhecimento do hip-hop dentro de Uberlândia eu não pude ter contato diretamente com nenhum DJ dentro movimento. No entanto, é fundamental eu reservar algumas linhas para abordar essa personalidade do hip-hop nesse trabalho por dois motivos. Em primeiro lugar porque o DJ, assim como artista urbano, o dançarino e o mc compõem os quatros pilares da cultura hip-hop, portanto, é impensável da minha parte negligenciar um dos pilares meramente porque não pude reunir um material satisfatório a cerca dele.

E em segundo lugar, que para mim é principal motivo que me levou a escrever esse capítulo, é que os DJ’s parecem ser os integrantes mais paradoxais no tange a questão coletiva dentro do hip-hop. Isso se deve, pois, o DJ possui a função ao mesmo mais solitária e mais coletiva dentro da cena, visto que o DJ trabalha sozinho na mixagem e na produção do som, as vezes há quem o ajude mas na maioria das vezes é um trabalho que apenas uma pessoa desenvolve.

A noção de crew, por exemplo, é encontrada na arte urbana e no break dance mas dificilmente vemos uma crew formado exclusivamente por DJ’s. Todavia, a função do DJ é fundamental para que todas as outras aconteçam. Se há uma batalha de rima é preciso do DJ para que os mc’s possam rimar em cima do beat, ou se há uma competição de break dance há a necessidade do DJ para que os dançarinos dancem conforme a música. Portanto, de certa forma a uma enorme dependência coletiva do DJ para o hip-hop por mais que ele seja uma figura que exerça um trabalho individual.

Essa pesquisa, não conseguiu encontrar nenhum exemplo de DJ’s atuantes na cidade para serem citados aqui, mas, em todos os eventos citados anteriormente a figura desse integrante se mostrou presente, seja na 1º Ruas Ocupadas ou nas batalhas de rima o DJ sempre se fez presente mostrando que ele também é uma peça chave para se entender o coletivo dentro do hip-hop.

### Capítulo 3 – Falando de afeto e cura

As questões que permeiam o afeto, e conseqüentemente a afetividade, sempre foram noções debatidas no campo das ciências humanas das mais diversas formas, desde os primórdios da filosofia moderna com Espinosa. Segundo o filósofo holandês, a ideia de corpo é relacional, ou seja, o corpo do indivíduo afeta outros corpos da mesma maneira em que é afetado também, e assim contribuindo para uma maior capacidade vital do ser. Ainda segundo Espinosa, o psicanalista Carlos Augusto Peixoto Junior vai falar que na concepção espinosiana o conceito de alegria estaria correlacionado quando a nossa capacidade de existir é aumentada, e o conceito de amor é quando atribuímos essa capacidade a um fator externo, um objeto de desejo e ou alguém.<sup>13</sup>

Hoje o afeto ainda é algo extremamente debatido no campo da filosofia e psicanálise especialmente, mas em outras áreas das ciências humanas ele também é levado como um fator bastante determinante, como é no caso do direito. Segundo o advogado e professor Thiago Felipe Vargas Simões, a questão do afeto e da família formada a partir de laços afetivos, vai ser um dos fatores determinantes em questões legais do campo do direito;

Assim como as famílias mudaram, os núcleos familiares também sofreram alterações em sua estrutura e composição. A família composta por diversos membros começou a perder força ao longo dos anos, bem como aquela formada apenas por filhos legítimos, seja por imposição legal, seja porque os núcleos familiares passaram a valorizar um fator imprescindível para sua formação: o amor, o afeto! (SIMÕES. 2009 p. 4)

Portanto, falar de afeto para nós homens, em especial nos homens pretos, sempre se mostrou uma tarefa deveras complicado. As questões que permeiam os debates em torno do machismo estrutural muitas vezes levam em consideração esse certo receio que nós homens temos em demonstrar e receber afeto. Porém, quando abordamos pela óptica do feminismo negro, a questão parece dar conta dessas noções de forma mais ampla. Isso se deve porque falar de afeto com homens é uma coisa, mas falar de afeto com homens negros é outra.

Eu ocupo esse espaço enquanto homem negro que quer falar e de certa forma vê a necessidade de falar sobre afeto. Essa questão permeia a minha pesquisa do título até as

---

<sup>13</sup> **SOBRE O CORPO-AFETO EM ESPINOSA E WINNICOTT.** Carlos Augusto Peixoto Junior. Revista EPOS; Rio de Janeiro – RJ, Vol.4, nº 2, jul-dez de 2013; ISSN 2178-700X

últimas linhas, visto que falar de família sem abordar esse sentimento de pertencimento e cuidado é algo que deixa o debate incompleto e com lacunas a serem preenchidas.

Quando mergulhei nesse universo e pude enfim colar numa batalha ou em mutirão de graffiti a primeira vez, consegui de fato vivenciar esse acolhimento e entender o que os artistas das antigas sempre me falaram. Até então Uberlândia era um espaço vazio para mim e se tornou uma espécie de “não lugar”, ou seja, um lugar meramente de passagem entre um período e outro da faculdade no qual eu passava com a minha família de sangue contando os dias para voltar logo ao Rio de Janeiro.

Contudo, foi vivenciar esse espaço, em certa medida ainda não muito aprofundada, mas já significativa, que pude ver e sentir esse afeto ser experimentado. Como disse na introdução, o hip-hop é essencialmente disputa entre duas partes que competem entre si seja quem rima mais, pinta mais ou dança mais. Entretanto, isso não excluiu a possibilidade de que se criem laços afetivos e de respeito para com os que estão vivenciando aquele local, muito pelo contrário, quando só existe hostilidade na cena de determinado contexto é porque alguma coisa está errada.

Até o presente momento dessa pesquisa eu mostrei como falar de hip-hop é falar de um coletivo e não de uma unidade, e como esse coletivo afeta diretamente a produção dos indivíduos, e como ela afeta a questão subjetiva de cada um. Esse processo de escrita foi lento até chegar a essa parte pois, de certa forma, ele se mescla a esse meu processo de entendimento a respeito do hip-hop. No começo sempre estive muito a parte desse mundo e me sentia desconfortável a falar sobre esse tema mesmo sabendo que não conseguiria falar sobre outra coisa, mesmo o hip-hop tendo influenciado por completo a minha formação e meu modo de enxergar o mundo. Mas como eu falaria sobre isso se eu não saísse de uma determinada zona de conforto que de certa forma a academia nos impõem?

Como expliquei anteriormente, esse foi processo de entendimento acerca tanto do hip-hop como da minha própria pessoa foi demorado, é como se através do hip-hop eu pudesse compreender muitas questões particulares. De certa forma é isso que eu pude observar não só em mim como nos demais integrantes da cultura do hip-hop em Uberlândia, onde questões da subjetividade de cada um são trabalhadas de forma coletiva e nesse quesito o afeto se manifesta.

Para as pessoas negras como é o meu caso, ter afeto e praticar o afeto é mais do que uma questão sentimental, mas também um processo que vai contra toda a estrutura

do racismo que anulou por completo todas as liberdades dos povos escravizados inclusive a liberdade de sentir e demonstrar afeto. É através dessas questões que a escritora e ativista Bell Hooks vai colocar em seu texto *Vivendo de Amor* que:

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. (HOOKS. 1994 p 1)

O que essas questões têm a ver com o hip-hop? De certa forma tudo eu diria. O hip-hop enquanto fruto e efeito da cultura negra e sendo protagonizado principalmente por pessoas negras, também será afetado diretamente por essas questões e vai acabar manifestando esses efeitos vez ou outra. Verdade seja dita que o Hip-hop já foi um meio bastante hostil e segregador para muitos grupos que precisaram lutar para ter o seu espaço no movimento. Mas isso não fez que se nutrisse um ódio generalizado dentro do seio desses manos e manas que estavam buscando o seu espaço mesmo em meio a tantas adversidades. O próprio Tupac Shakur fala o quanto é lindo ver uma rosa nascendo do concreto e ver uma criança do gueto crescer em meio aos piores contextos.

Por isso que eu vejo que o afeto é ao mesmo tempo um instrumento de cura, mas também de aprendizagem. É um afeto que educa. É o afeto que educa o mc a não mandar uma rima discriminatória para outro mc. É o afeto que educa a plateia da batalha a sempre acolher os mc's iniciantes. É o afeto que educa o grafiteiro a ajudar o seu companheiro de pintura sempre que ele precisar. Enfim, é o afeto que educa quem participa do hip-hop a entender que aquele movimento não cresce com base em individualismo e arrogância, mas sim com humildade e respeito.

### **3.1 - O hip-hop como meio de cura**

Para além de falarmos da questão afetiva, e do espaço de cuidado com outro, eu vejo muito também o hip-hop enquanto esse processo de restabelecer a sanidade de nossos corpos e de nossas mentes. Muitos veem o hip-hop como esse caráter ressocializador ou salvador que afasta os jovens de uma criminalidade e coloca a possibilidade de eles desenvolverem suas capacidades artísticas com outros jovens. Vemos sempre casos e mais casos de mc's, grafiteiros, b-boys que largam a vida do crime para se dedicarem

exclusivamente ao hip-hop, mas para além de salvar muitos jovens o hip-hop também se mostra como um processo de constante cura desses corpos que ainda carregam as marcas dos eventos originais como a escravidão, o racismo estrutural, a desigualdade social dentre outros aspectos que assola todos os manos das periferias do país.

Você pode muito bem ser salvo e ser curado ao mesmo tempo, mas não necessariamente quando você está salvo de determinado caminho o seu corpo está curado. Eu me vejo muitas vezes nesse ponto. Venho de um contexto familiar onde sempre tive oportunidade de crescer através do estudo, e nunca me faltou nada em casa então a vida clandestina nunca fora uma possibilidade de caminho para minha pessoa como é para muitos jovens de periferia devido a negligência estatal e a falta de oportunidades.

Mas mesmo não precisando ser salvo eu ainda não me senti curado propriamente dito, visto que esse tipo de sentimento muitas vezes está para além do seu contexto social de origem. Se sentir bem consigo mesmo, e além disso, se sentir pleno em um determinado ambiente são desdobramentos que levam tempo e que por vezes estão diretamente ligados ao nosso processo de cura.

Nesse ponto, quero trazer o como referência uma citação do trabalho de conclusão de curso da Walla Capelobo, colega de curso de História da Arte que em seu trabalho fala desse processo:

Nossas formas de cura são passadas de forma oral, no toque da benzedeira que faz o quebrando passar e o mal olhado levantar e ir embora. O sopro de rapé, mistura de ervas em pó, que oxigena a cabeça com harmonia, faz ficar serena e sonhar com a vida desprendida da ilusão de mundo colonial. (CAPELOBO, 2019 p.24)

A Walla vai, portanto, enfatizar esse uso da oralidade como um mecanismo de cura e processo vivenciado em coletivo. A palavra que é base da cultura africana que está totalmente atrelada a essa oralidade, e como o hip-hop a situação não é diferente, até porque como eu disse anteriormente hip-hop é essencialmente PALAVRA, seja ela escrita, falada, cantada, rimada ou pintada.

Desse modo eu observo que o hip-hop para além de ajudar os jovens com suas questões da ordem social também colaboram para a ordem afetiva desses indivíduos. E nesse aspecto, a questão afetiva e familiar é um ponto chave para entender esse processo de cura.

E desde que eu comecei a melhor demarcar os rumos dessa pesquisa foram inúmeros os relatos que pude encontrar e levantar de como o hip-hop curou determinados pessoas de problemas como depressão, comportamento antissocial, problemas de aceitação pessoal e até mesmo problemas familiares, como se a família da rua ajudasse a compreender a família de sangue. A exemplo disso durante uma conversa despretensiosa numa das edições da Batalha do Coreto 034, o Mc Machado me relatou o que o hip-hop afetou diretamente a vida dele. Segundo ele são questões positivas e negativas que o hip-hop e o ambiente das batalhas trouxeram para a sua vivência, mas se eu puder destacar uma das muitas questões que ele colocou foi de como o respeito pelos outros mc's de batalha o ajudou com a construir um ambiente de respeito dentro do seu ambiente familiar. De certa forma foi o que eu comentei ao colocar as questões sobre o respeito com o outro na batalha e como esse respeito vai influenciar diretamente o comportamento que o indivíduo tem fora daquele espaço.

O processo de cura nos ambientes familiares é algo que não se restringe exclusivamente ao caso de Machado. Assim como ele, outros mc's falaram como que o hip-hop ajudou eles a atravessarem momentos familiares difíceis, onde muitas vezes a própria família era contra que eles fizessem rimas ou batalhassem. Hoje, esses mesmos mc's relatam como família passou a aceitar melhor que eles estivessem inseridos no movimento, mostrando que o processo de cura pode ser tanto individual quanto coletivo.

E para os corpos negros esse processo se dá por outras maneiras, e nesse ponto são questões que me atravessam de forma pessoal. No documentário Hip-hop Udi o Mc Vaine, que é um dos mc atuantes da cidade, relatou um pouco do que o rap mudou na sua vida no que se tange a questão da aceitação dos seus traços e da sua ancestralidade. Assim como eu, Vaine também é um jovem negro que por muito tempo teve dificuldade de se aceitar, aceitar seu cabelo, sua aparência entre outros fatores.

Quando eu conheci o hip-hop, quando eu ouvi mais rap eu comecei a me identificar muito mais com raízes sabe? De encontrar mesmo uma identidade, uma referência nisso aí.

Peraí eu acho que o meu cabelo não é igual ao deles (garotos brancos), mas também não é feio ta ligado?

**(Depoimento de Vaine para o documentário Hip-hop Udi)**

O que Vaine coloca em sua entrevista é algo que eu enquanto jovem negro também já vivenciei. O meu processo de aceitação e de reconstrução da autoestima foi um caminho longo e gradativo e que ainda está em processo de construção, no entanto é uma caminhada que se não fosse o hip-hop e as pessoas que eu encontrei nesse meio capaz que eu tivesse uma maior dificuldade.

Lembro da primeira vez que escutei a música Negro Drama do Racionais Mc's eu pude notar que algo naqueles versos dialogavam comigo. Apesar de ser um contexto totalmente diferente do qual eu cresci, a música traz consigo esse dado racial e também o anseio pela superação de um trauma que na música interpretada por Edi Rock vai aparecer também pela ideia de cura.

Negro drama! Entre o sucesso e a lama  
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama  
Negro drama! Cabelo crespo e a pele escura  
A ferida, a chaga, à procura da cura  
(Nego Drama – Racionais Mc's)

Falar dessas questões é, portanto, falar de cura dos traumas e de feridas que assolam esses corpos, feridas estas pautadas numa questão racial. Durante a entrevista com Kakko o mesmo comentou como através da dança de rua ele pode ressignificar as feridas de um tempo de juventude em que teve que aguentar muitos apelidos de caráter racista que recebera. Hoje através do hip-hop ele, assim como outras figuras da cena, estimulam desde cedo através da arte o conhecimento e assim evitam que o ocorreu com eles aconteça com outros jovens.

A cura dos traumas pautados num recorte racial, também incidem diretamente na questão mais comumente associada ao hip-hop que é possibilidade de tirar a juventude do crime. Em Uberlândia assim como em outros locais a cena possui sujeitos que já tiveram ligação com o mundo crime, alguns que já até passaram um tempo encarcerados e que, uma vez libertos da vida bandida, desenvolvem através da arte a possibilidade que esses jovens possam trilhar outros caminhos que não sejam os que eles seguiram.



Figura 26: Graffiti de Dequete

Esse processo de cura é visível também quando observamos por um recorte de gênero principalmente no que se tange as mulheres dentro do hip-hop. Nesse ponto peço licença para falar dessas questões, até porque diferentemente da questão racial, é um local de fala que eu não compartilho com essas representantes do hip-hop em Uberlândia, mas deixar de falar sobre elas é algo que nem remotamente eu ousaria em fazer.

Eu digo isso porque cada vez mais é observável um aumento de mulheres que cada vez mais estão fazendo parte da cena da cidade. Verdade seja dita que as mulheres sempre estiveram dentro do hip-hop, e sempre trabalharam ativamente pelo movimento desde as primeiras festas organizadas por Cindy Campbell e seu irmão Kool Herc no bairro do Bronx em Nova York, mas elas sempre foram colocadas de lado até porque o hip-hop ainda hoje é meio extremamente machista e se sobressair nesse meio sendo mulher é mais complicado ainda, visto que, a história do hip-hop é escrita e falada principalmente por homens.

Todavia, hoje Uberlândia conta com um grande número de mulheres na sua cena desde do graffiti/pixo, passando pela dança e claro dentro do Rap. No caso do rap eu destaco o coletivo de hip-hop Das Minas Gerais (DMG), coletivo esse composto só por mulheres. Eu destaco essa participação das mulheres da cena para mostrar que além de representar um processo de cura pautadas em questões raciais, elas também podem ganhar outros contornos dependendo do grupo social ao qual está inserido, como no caso das

mulheres onde o hip-hop se torna um meio de empoderamento e de aceitação de questões raciais devido ao grande número de mulheres negras que participam do movimento.

Presta bem atenção senhoras e senhores  
As minas chegou mostrando os seus valores  
Mostrando a luta que pra muitos é um grande problema  
Sou negra estudada preocupação do sistema  
(...)

Uberlândia ta em peso, e nós tamo em cima  
Fiu Fiu é o caralho pô! Respeita as minas!  
(...)

(Respeita as Minas – Coletivo DMG)

O hip-hop, como eu citei no começo desse capítulo, também possui um caráter enquanto não só ferramenta de ressignificação de traumas marcados por um viés racial e de gênero, como também é uma cura contra os males do corpo como a depressão, a ansiedade dentre outros fatores. Relatos de como Hip-hop impactou diretamente na sua saúde física de seus integrantes e de pessoas ao seu redor. Dequete por exemplo em entrevista a Avant Graff relata que uma pessoa entrou contato com ele porque um de seus graffitis, que muitas vezes são seguidos de mensagens destinadas aos espectadores, o ajudou a se livrar da dependência química do crack. “Isso é muito gratificante e me impulsiona a querer pintar mais e mais” finaliza o artista ao contar a história em questão.

Além desse caso, são muitos os relatos que através do hip-hop puderam sanar de problemas da ordem social e de saúde. Principalmente quando abordamos a depressão como um mal que aflige boa parte dos jovens.

“(...) me tirou de uma depressão suicida no início, me fez conhecer meu marido, me fez conhecer meus amigos, conhecer

outras cidades do Brasil, um hobby que amo e agora é minha  
profissão, meu sustento!

**(Relato da grafiteira Kueia ao ser perguntada o que a arte mudou em sua vida)<sup>14</sup>**

“(...) antigamente eu era um cara tímido pra caralho, antissocial pra caralho

Chegava na escola, e ficava lá que nem um mudo...

Comecei a rimar perdi a timidez, conheci uns amigo top tá ligado?

E é isso aí irmão, ta curando da depressão também...”

**(Relato do Mc Jodalvo ao Mc Tranquilo)<sup>15</sup>**

Mas eu não poderia finalizar esses relatos e de certa forma também finalizar essa pesquisa sem o meu relato pessoal de como o hip-hop mudou minha forma de ver o mundo e tem sido o meu principal remédio no meu processo de cura. Lembro que meu primeiro contato com rap foi ainda no ensino fundamental onde pude pela primeira vez ouvir a música *Jesus Chorou* do Racionais Mc's apresentada por um amigo de turma. A primeira vez que ouvi rap aquilo não me tocou com muita profundidade, foi uma música normal como qualquer outra que tinha escutado até então.

Porém, no fundamental também fora a primeira vez que eu tive contato com graffiti através de um concurso da escola em que os alunos poderiam produzir um painel e posteriormente o aluno que tivesse feito o melhor painel iria representar a escola em uma edição regional. No caso, o meu painel ficou em segundo lugar e nunca agradei tanto de ter perdido algo em minha vida, pois a amargura do segundo lugar me fez melhor aprofundar nos interesses da arte urbana muito tempo antes de pensar em cursar qualquer coisa no campo das artes.

Depois disso, posso dizer que a arte urbana foi até hoje o tipo de arte que mais agradou e que eu sigo produzindo ao longo desses últimos 8 anos. Apesar de não me considerar um grafiteiro propriamente dito, tenho uma imensa gratidão a todos aqueles grafiteiros e pixadores que estiveram comigo nessa caminhada e que apareceram nesse

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/avantgraff/> Acesso em: 10 de nov. 2019

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EJLjYvhvL2k>. Acesso: 11 de out. 2019

trabalho como forma de retribuição ao que eles fizeram por mim e por muitos outros jovens.

A arte urbana, portanto, foi a minha porta de entrada para o hip-hop, e já no ensino médio comecei a ouvir mais rap no mesmo período em que comecei a melhor aceitar meus traços seja meu cabelo black, meu nariz largo dentre outros. De lá para cá foi só um aprofundamento nessa cultura que começava a se mostrar que tinha algo a me oferecer na minha formação tanto política quanto pessoal.

E o terceiro momento que eu destaco foi através desse processo de travesseira de sair de Uberlândia e vir morar no Rio de Janeiro. Nos primeiros anos o Rio de Janeiro se tornou a minha primeira casa e Uberlândia, que foi a minha cidade por cerca 18 anos se tornou um local estranho para mim. Mas eu vejo que o hip-hop me ajudou a justamente reestabelecer esses laços afetivos com aquele espaço que me viu crescer e dar os primeiros passos na arte.

Hoje com os inúmeros eventos de hip-hop da cidade eu não sinto mais a angústia e ansiedade de voltar para o Rio de Janeiro como outrora. Pelo contrário, eu saio hoje de Uberlândia sentindo que alguma coisa me falta, e isso não é só no com a questão do hip-hop, mas em âmbito geral. Falta da família, falta dos amigos que reestabeleci antigos laços de amizade, falta do espaço, enfim, é uma falta, mas que pode muito bem esperar até ser preenchida novamente quando eu voltar.

Eu acho um pouco pretensão demais falar que eu já faço parte dessa família que o hip-hop me mostrou, ou pode ser ainda um resquício daquela insegurança que coloquei logo de início. Mas enfim, por mais que possa parecer cedo para falar que eu construí uma família dentro do hip-hop creio eu que dei grandes passos nos últimos encontros. O hip-hop fez ser o que eu sou hoje, ele está me curando da mesma forma que curou várias outras pessoas. Me ajudou a ter uma melhor relação com o meu espaço familiar e a minha cidade de origem.

Pude pela primeira vez me sentir pertencente a algo e algum lugar, sou da 034, sou da roça de concreto, sou filho da terra vermelha do cerrado, sou preto, sou mineiro, sou artista e estou aqui fazendo o que posso, dando meu máximo por e para meus. E quem são os meus? Minha família de sangue? Meus amigos? Os manos do hip-hop de Uberlândia? Num sei, isso para mim já não é mais relevante delimitar...

## Referências Bibliográficas

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. A formação de sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

FERNANDES, C. M.; LEME, A. A.; LENK, W.. A formação econômica e urbana de Uberlândia e o Programa Minha Casa Minha Vida: interesses político-econômicos e desafios sociais. XI Congresso Brasileiro de História Econômica , Vitória, set. 2015.

FIDELIS, Karen. Picos e Rabiscos: Uma breve história do graffiti em Uberlândia. 2013. 128f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Uberlândia – 2013

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: Werneck, J. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro:Pallas:Criola, 2000,

LASSALA, Gustavo. Pichação não é Pixação. 1 ed. São Paulo: Altamira, 2010. ISBN 978-85-99518-11-3

MC'S, Racionais. Sobrevivendo no Inferno. São Paulo, SP Companhia das Letras, Edição 1ª 2018.

PEIXOTO, Carlos A. SOBRE O CORPO-AFETO EM ESPINOSA E WINNICOTT. Revista EPOS; Rio de Janeiro – RJ, Vol.4, nº 2, jul-dez de 2013; ISSN 2178-700X

PENNACHIN, Deborah. Signos Subversivos: Das significações do graffiti e pichação – Metrôpoles contemporâneas como miríades sîgnicas – Universidade Federal de Minas Gerais – 2003

SANTOS, Eufrázia C. Menezes. Gilroy, Paul. O Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 45, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v45n1/a13v45n1.pdf> Acesso em: 15 de nov. 2019

SILVA, Kelly Santos. Moda: significados da indumentária na construção de identidades faveladas. 2019. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SIMÕES, Thiago Felipe Vargas. A família afetiva - O afeto como formador de família. Disponível em: <http://www3.promovebh.com.br/revistapensar/art/a19.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2019

TEIXEIRA, Walla Batista. Meu caminho é de pedra como posso sonhar. 2019. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. In: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/9864>

TOUAM, Dénètem Bona. A arte de fuga: dos escravos fugitivos aos refugiados – OIP – Oficina Imaginação Política.

UDI HIP-HOP | Mini-documentário: O movimento Hip-Hop em Uberlândia. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=kB6Z5Z88m0A&t=&fbclid=IwAR0Y-acBA9lumOp8b7EQ-tsvZSLJrTEwgBG4GL2JSuX8Ls\\_T3hK4q4pEQX](https://www.youtube.com/watch?v=kB6Z5Z88m0A&t=&fbclid=IwAR0Y-acBA9lumOp8b7EQ-tsvZSLJrTEwgBG4GL2JSuX8Ls_T3hK4q4pEQX) > Acesso em: 10 de out. 2019

#Entrevistando Mc's Jodalvo. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=EJLjYvhvL2k>> Acesso em: 11 de out. 2019

#Entrevistando Mc's R Jay. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=us5m82D7dwk>> Acesso em: 11 de out. 2019

\_\_\_\_\_. Hip Hop origens: das ruas de Nova Iorque para o mundo. XXVIII Simpósio Nacional de História. 2015. Disponível em <  
[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428429836\\_ARQUIVO\\_Textocompletoanpuh07.04.2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428429836_ARQUIVO_Textocompletoanpuh07.04.2015.pdf) > Acesso em: 15 de nov. 2019